

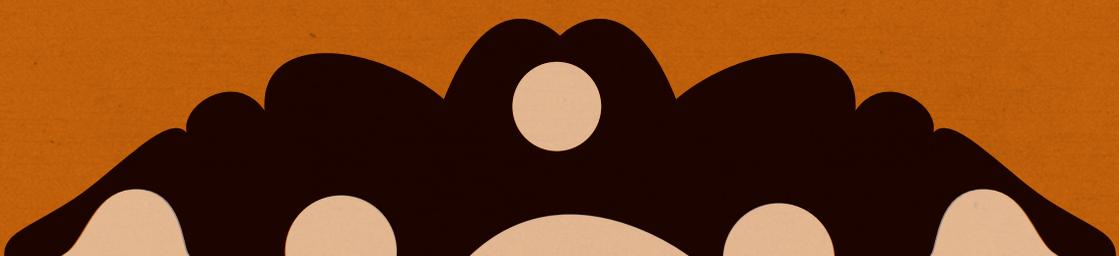


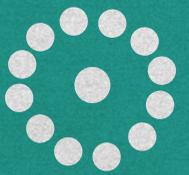
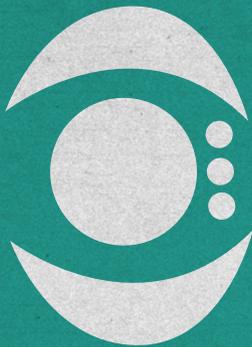
LOURDES MACENA

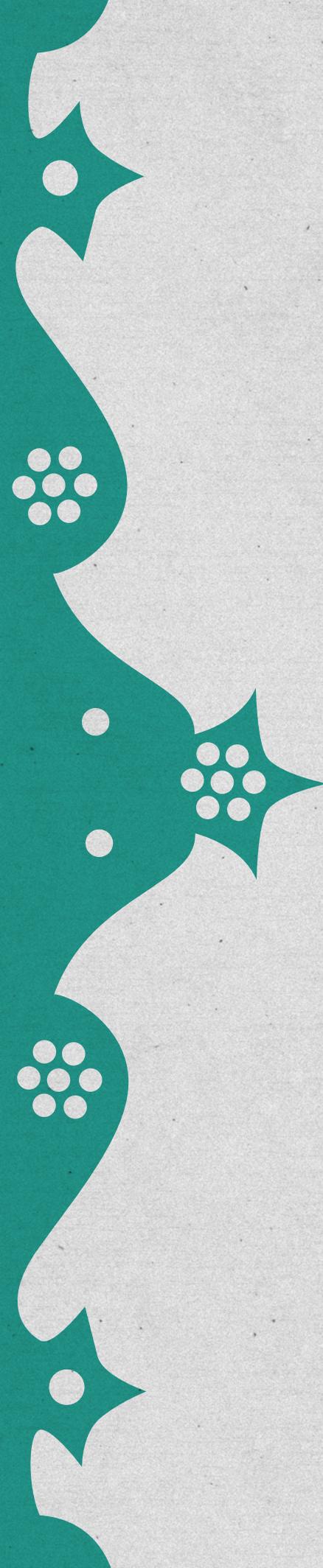
**Danças
Populares
Tradicionais
Cearenses**
Conectando Vidas



Módulo 1 • **Torém**







**Danças
Populares
Tradicionais
Cearenses**

Conectando Vidas

APOIO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

LEI
**ALDIR
BLANC**
DE EMERGÊNCIA CULTURAL
CEARÁ



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

REALIZAÇÃO:



ASSOCIAÇÃO CULTURAL
**Canto da
Jandaia**



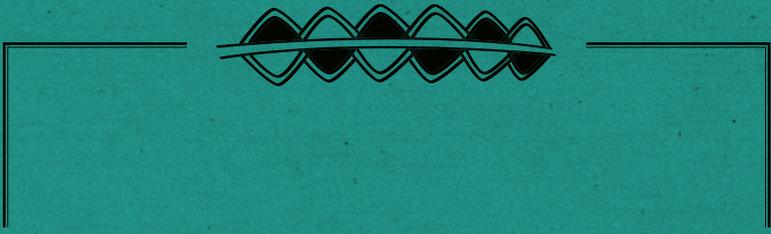
Macena, Lourdes

Danças populares tradicionais cearenses: conectando vidas /
Lourdes Macena - Fortaleza: Editora IFCE, 2021.

1. Danças Populares 2. Cultura 3. Tradições Cearenses, I.
Macena, Lourdes. II. Título.

Essa publicação digital é composta por um módulo do e-book ***Danças populares tradicionais cearenses: conectando vidas***, que será disponibilizado em sua versão completa ao final do curso.





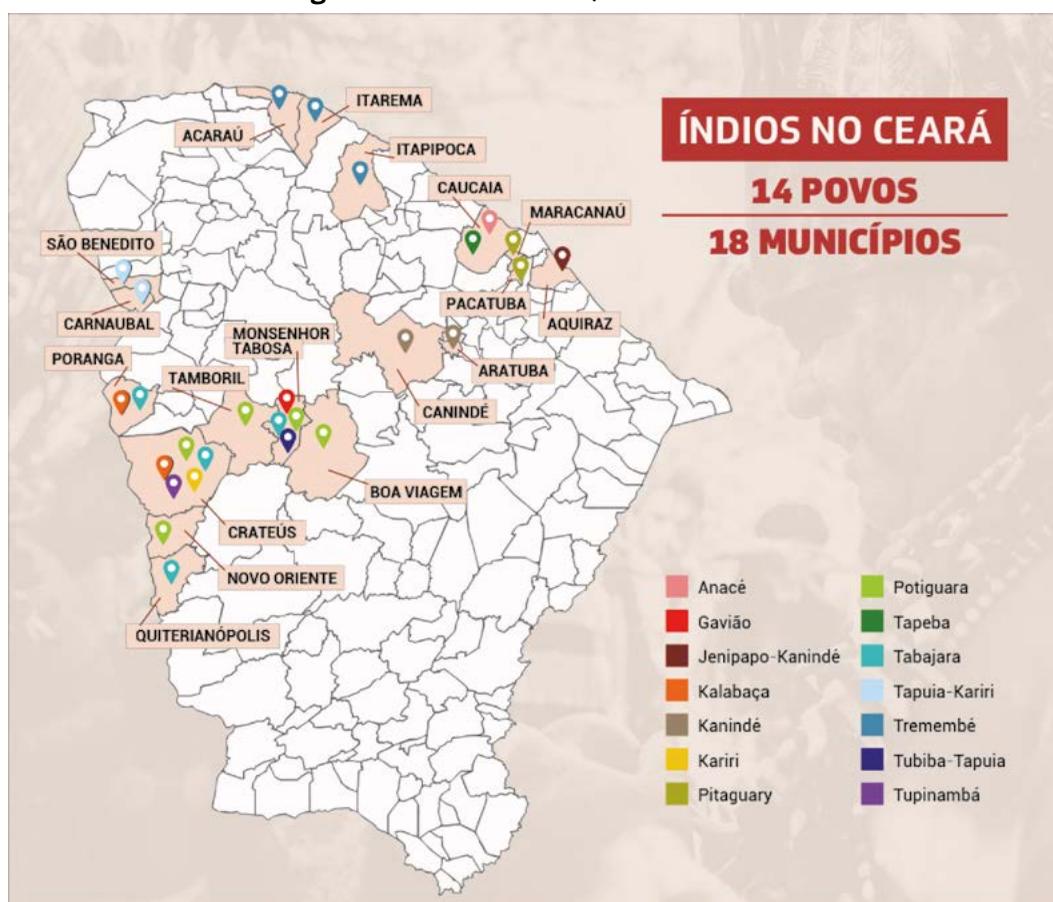
• *Módulo I* •

Torém



O Ceará tem hoje 14 povos indígenas, estando estes em 18 municípios. Dançar o Torém vai muito além da gestualidade e indumentária que veste cada coletivo. Dançar o Torém exige conhecimento, compreensão e envolvimento na causa indígena. Não se concebe mais hoje em dia um roteiro de aula de qualquer natureza sobre o índio cearense, buscando sua dança, que não atualize os fatos e não se envolva com a verdade histórica desses povos. O índio VIVE aqui e necessita de sua escola diferenciada como de seu território para fazer sua pesca, sua caça, seu artesanato, utilizar seus penachos e cocares, realizar seus ritos, seus cantos, suas danças. O Torém necessita ser, em nossos corpos, a presença deste Ceará indígena que se revela aqui.

Fig. 1. Índios do Ceará, onde estão [5]



Fonte: Site Governo do estado do Ceará. <https://www.ceara.gov.br/2019/04/16>

[5] Cultura - 16/4/2019. André Vitor Rodrigues. In: <https://www.ceara.gov.br/2019/04/16/todo-dia-e-dia-de-indio-qualis-sao-os-povos-indigenas-do-ceara/>. Consultado em janeiro/2021.

São mais de 26 mil índios espalhados em suas aldeias nas cidades cearenses, seja na serra, sertão, litoral ou área metropolitana. Dançar o Torém deve servir para dizer “*eles estão lá, eles estão aqui e estas são suas demandas, sua força e sua alegria em resistir*”. O Torém foi e é mais que dança. Ele é sinal de resistência em ritual cantado, memória social coletiva e fator de agregação dos parentes. Ele é lúdico, espiritual e político. Quando o conheci na década de 80/90 do séc. XX, ele circulava e era sabido na aldeia do povo Tremembé de Almofala (Itarema). Hoje, vejo como sua roda foi se infiltrando como um rizoma nos diversos municípios, trazendo de volta quem precisou se esconder para sobreviver diante da perseguição indígena, durante o famigerado processo “civilizatório”. Assim, essa dança ritual de legado ancestral dos Tremembé de Almofala, pode ser vista sendo realizada pela população indígena composta também pelo povo **Anacé, Gavião, Jenipapo-Kanindé, Kalabaça, Kanindé, Kariri, Pitaguary, Potiguara, Tapeba, Tabajara, Tapuia-Kariri, Tremembé, Tubiba-Tapuia e Tupinambá.**

Fig.2. Torém com os parentes



Fonte: Foto Iago Barreto



Seus cantos, feitos na língua nativa, são baseados na vida coletiva do povo Tremembé, enfatizando os animais, as plantas, a natureza e toda a sua cosmovisão da vida espiritual. Vista e sentida por quem está fora da roda como uma brincadeira, na verdade, ele, o Torém, envolve todos com sua devoção brincante, tendo se tornado um elemento de pertencimento, difusão, disseminação e valorização da cultura do povo indígena cearense. É dançado na comunidade em seus momentos de vida coletiva, seja nos batizados, aniversários, momentos de vitória e momentos de luta, como caminho pedagógico nas escolas diferenciadas e/ou quando convidados em momentos sociais compartilhados.

A dança ritual do Torém, quando utilizada na cena em criação artística, deve servir para falar sobre a presença desses “15 povos divididos em 58 comunidades, por mais de 18 municípios, onde 25 áreas indígenas seguem com processos demarcatórios pendentes. Esses povos lutam pelo reconhecimento de sua identidade, pela manutenção do pouco que sobrou do patrimônio cultural e, sobretudo, pela demarcação de terras historicamente a eles pertencentes” (FARIAS, apud SILVA, LIMA, MORAIS, 2020, p. 31985-32005).

Durante o Torém o momento mais esperado é o do Mocaroró. Compartilhado na roda, ele nos aproxima das encantarias, da força espiritual dos Encantados e de uma bebida que atravessou o tempo e liga o ontem ao hoje, com a força da natureza e dos cajueirais cearenses que acompanham a vida Tremembé. É importante observar que o

Mocaroró é uma bebida tradicional dos índios Kanindé, bem como das 14 outras etnias cearenses, as quais utilizam-na em rituais sagrados. Os rituais são praticados em datas representativas, como encontros, reuniões e apresentações. No momento em que é dançado o toré, ritual indígena, se faz uma parada para que possa ser tomado o mocaroró. É nesse momento em que há uma consagração, pois é considerada pelos índios uma bebida sagrada. A composição da bebida varia em função do grau de maturação do caju e da região produtora, no caso do Povo Kanindé, é usado o caju azedo. Nesse contexto, considerando a importância e representatividade do Mocaroró para os povos indígenas, em especial para o Povo Kanindé de Aratuba, [...] o Mocaroró, enquanto bebida que compõe a cultura alimentar deste povo, além de diante do seu consumo e delineamento de tal bebida como marca relevante na cultura alimentar dos povos indígenas cearenses [...] para elaboração do mocaroró, há uma série de detalhes a serem observados. Se faz necessário ser utilizado o caju azedo e caído do cajueiro espontaneamente. O pedúnculo é espremido com as mãos para extração do suco. Em seguida, o líquido é coado com um pano e envasado em cabaças ou potes de barro onde permanecem fermentando por um período de até um ano ou por tempo determinado ou indeterminado. (SILVA, LIMA, MORAIS, 2020, p. 31985-32005).

A citação acima é parte de um trabalho científico de duas professoras do IFCE e uma aluna da UNILAB, especificamente sobre o Mocororó, enquanto bebida para consumo humano e sua importância cultural na vida das comunidades indígenas cearenses. Em contato com participantes Tremembé [6], recebi esta receita de como fazer o Mocororó: o caju é espremido e coado e em seguida é misturado com a resina do cajueiro (leite extraído do caule da árvore). Numa garrafa destampada, coloca-se todos os ingredientes durante mais ou menos 2 meses (percebi que quanto mais tempo deixar fermentar, melhor o Mocororó). Essa questão temporal varia muito nas interlocuções.

Fig.3. Mocororó



Fonte: Foto Iago Barreto

Fig.4. Mocororó



Fonte: Foto Iago Barreto

[6] Cacique Vicente Viana- Maria José Santos Sousa (filha de Francisca de Ouro da S. Cruz Tremembé) Eleonor Marques do Nascimento filha de Chiquinha da Lagoa Seca (índia chefe). Um primeiro encontro promovido pelo prof. Adalberto Barreto, UFC, LBA, e Associação dos moradores de 4 varas com o objetivo de fomentar trocas de experiências entre aquela comunidade do Pirambu que reúne os habitantes de 4 varas e os índios Tremembé. Na ocasião, estudávamos sobre o Torém e o projeto do Dr. Adalberto com alguns alunos do Grupo de Projeção Folclórica da ETFCE - Shirley, Lenice, Ronilson, Renata, Cláudio e o cinegrafista da Escola.

Para Fabiano Piúba (2018), os Mestres e Mestras da Cultura são “Seres ancestrais. Seres de Educação. Seres de imaginação. Seres de criação. Os Mestres e Mestras da Cultura são pessoas feitas da natureza dos tempos eternos, senhores e senhoras de memórias que trazem consigo saberes e fazeres ancestrais que atravessam os tempos”. A lei dos Tesouros Vivos [7] reconheceu como Mestres da Cultura Cearense o Cacique João Venâncio e o Pajé Luís Caboclo do povo Tremembé em 2008, em 2014 a Cacique Pequena do povo Jenipapo-Kanindé e em 2019 a Pajé Raimunda Tapeba.

Esse marco foi algo muito importante pois o reconhecimento cultural evidencia saberes, fazeres e práticas destas comunidades, coloca-os no circuito cultural, traz à tona suas questões e mais que isso, todos eles foram titulados como Notório Saber pela UECE o que evidencia uma busca infinita por saberes na relação com “os estudos decoloniais, pois estes têm buscado contribuir para dissolução da estrutura de dominação e exploração dos colonizados, procurando colaborar na perspectiva da aquisição de sua autonomia sociocultural a partir da conscientização de que outras formas de vida e de economia alternativas são possíveis” (SOUZA e CARVALHO, 2020, p. 1). O que quero dizer com isso é que o olhar para o Mestres da cultura indígena e o envolvimento com a dança Torém, deve colaborar com a luta, a causa indígena e a valorização destes saberes e fazeres.

[7] A Lei Estadual 13.842, de 27 de novembro de 2006, que instituiu o Registro dos “Tesouros Vivos da Cultura” no Estado do Ceará, é uma lei pioneira no Brasil, voltada para o reconhecimento dos saberes e fazeres dos mestres e mestras da cultura tradicional e popular. Os mestres são reconhecidos como difusores de tradições, da história e da identidade, atuando no repasse de seus saberes e experiências às novas gerações. Selecionados pela Coordenadoria de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Secult/CE. Fonte: <https://www.secult.ce.gov.br/tesouros-vivos-do-ceara>

[8] Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/iv-festa-literaria-da-associacao-cearense-de-escreitores-homenageia-raimunda-tapeba-e-ancestralidades-1.2178060>

Fig.5. João Venâncio



Fonte: Foto Iago Barreto

Fig.6. Luís Caboclo



Fonte: Foto Iago Barreto

Fig.7. Cacique Pequena



Fonte: <https://lazaromedeiros.com.br>

Fig.8. Pajé Raimunda Tapeba



Fonte: Foto Helene Santos – Diário do NE [8]

A indumentária, a gestualidade, os passos

Os índios cearenses, em sua aldeia, geralmente, na sua vida comum, não usam mais roupas de palhas, mas quando saem de seu local de origem, ou quando vão festejar e dançar o Torém, vestem-se de roupas de palha da costa, ornadas com penas, contas e linhas de cores vivas, utilizando-se também de colares e cocares. Não há uma igualdade de vestimenta e/ou modelo entre eles. Todos e todas levam à mão uma maraca. Sua estética depende da criatividade de cada um e, assim, temos uma diversidade de cores e poéticas criativas que enfeitam seu corpo. É importante destacar que muitos desses, dessas são exímios artesãos e artesãs e fazem para si e seus parentes a indumentária para o ritual. Nesse caso, aproveito para dizer que é importante sempre que necessário tentar comprar deles os artefatos que se deseja, seja para a escola ou cena artística, e colocar o nome desta ou deste nos folders do evento.

O **ritmo** presente mais comum é o xote e isso vai norteando os passos a serem executados. Os seus componentes formam uma roda, ficando o Cacique ao centro cantando, dançando e marcando com o “aguaim” (espécie de maracá), enquanto os demais procuram acompanhar os passos indicados. A coreografia quase toda é imitativa a partir do que vai sendo sugerido, baseado em movimentos de animais da fauna local. De acordo com cada animal eles absorvem um gesto: o bote da caninana, do guacharé (guaxinim), de um cachorro brigando por um peixe que o guacharé pescou, das aranhas fazendo suas teias, da jandaia (jandaí), da sarará (sarassará-espécie de formiga), etc.

Dança de conjunto com participantes de ambos os sexos que se colocam em formação circular, com um solista ao centro. [...] o solista executa movimentos de recuo e avanço, requebros, sapateios, saltos, além daqueles imitativos de serpente e lagarto, reveladores de destreza e plasticidade. Os demais participantes marcam o compasso musical com batidas de pés enquanto vão girando a roda no sentido anti-horário. A música é apenas aquela cantada pelo solista e repetida pelo coro de dançadores. O “mocororó” - suco de caju fermentado - é distribuído durante a dança. Recorrente no Estado do Ceará, ocorre na safra do caju, em ocasiões sociais e encontros com outras comunidades indígenas. (CNFCP – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular) ^[9]

[9] Museu Edison Carneiro – CNFCP/RJ – IPHAN Tesouro – In: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001729.htm>. Consultado em janeiro/2021.

Louvação (pedido de licença)

O senhô dono da casa
Licença, quero pedir (BIS)
Que nós queremos dirristi (divertir)
Nós queremos dirristi,
Nós queremos dirristi
E o vevê tem maniboia
Aninhá vaguretê, Aninhá vaguretê

O veraniquatiá E o verá tem bóirana
Prêprêprê tem boinguê (BIS)
O veraniquatiá E o verá tem bóirana
Prêprêprê tem boinguê
Sáia mussará o mangue Prêprêprê tem boinguê (BIS)

Água de manim O manimá cerecê
O dijágua de manim O manima cerecê
O djágua de manim O manima cerecê

O vidju, o vidju qui pará
O vidju, o vidju qui pará
ei paraná Vidju, o vidju qui pará
O vidju, o vidju qui pará (BIS)

Monteguape, monteguape O guaracê, maroriguê
Monteguape, monteguape O guaracê, maroriguê
O guadjariguê, o guadjariguê (BIS)

Caninana, caninana imbóinguê (BIS)
Ora sua quatriana imbóinguê (BIS)
(Repete)

Canunguadjá indé cunha (BIS)
É diridirá é cunha canungá
Canunguadja indé cunha (repete 3 vezes)
É didirá é cunha canungá Canunguadjá indé cunha

Sara mussará vemaguê
Prêprêprê tem boinguê Sara mussará vemaguê
Prêprêprê tem boinguê O veraniquatiá
O vera tem bóirana Prêprêprê tem boinguê

Guirará tiju é tainha guretê (BIS)

Ó guirará, ó guirará Guirará tiju pompê guirá (BIS)

Água de manim Manima é cerecê

Água de maninha Manima é cerecê

O jaimevê, o jaimevê Água de maninha Manima é cerecê,

oi Água de maninha Manima é cerecê

Gurái puran étê Vossa manguirá pendê

Ó gurari, gurari étê Vossa manguirá O pendê Vossa manguirá O pendê (BIS)

Brandim, brandim poti Brandim, brandim poti

Ta siripintim, ta siripintim Ta siripintim, ta

Brandim, brandim poti

Irapui nerém nembui Nerém nembui taquarati

O irapui nerém nembui Nerém nembui taquarati

Nerém nembui taquarati (BIS)

Mais o pipi cê guachuré Gachuré ju são mirinó

Mais o pipi cê gachuré Gachuré ju são mirinó

Gachuré ju são mirinó Mais o pipi cê

gachuré Gachuré ju são mirinó Gachuré ju são mirinó

Ererêquatiá tianaré Ererêquatiá tianaré Aiduaguê,

conguê Nerera só, nerera só Tianaré Aiduaguê,

conguê Ererequatiá naré (BIS)

Navura, navura vai inchê Navura, navura vai inchê

Ai di pinima, niverana De verana boinguê

Navura, navura vai inchê Navura, navura vai inche (BIS)

Vamu pros cuiabá, ariguê Vamu pros cuiabá, ariguê

Sua, sua mussarana Tem boinguê Vamu pros cuiabá, ariguê

Louvação (acompanhada ao maracá) Dona Maria, Dona Maria, Licença,

querô pedi Dona Maria, Dona Maria, Licença, quero pedir Meia hora de

relógio Para nós se diverti Para nós se diverti Mais o vevê tem manimbóia E

aninhá vaguretê Aninhá vaguretê



Você pode também ter acesso à música gravada pelo Grupo Miraira no CD *Ispinho e Fulô*, resultado do encontro com Os Tremembé de Lagoa Seca (Acarauá) na década de 90 do séc. XX, e de acesso ao registro da Funarte e de Silva Novo. Segue *letra abaixo*, música está disponível nas plataformas digitais e por meio do link a seguir:

www.digitalmundomiraira.com.br/Miraira/ProducaoMusical/Cd01/faixa_07.php

Torém dos Tremembé com Grupo Miraira

(Ficha técnica: Nonato Cordeiro: Sanfona / Carlinhos Crisóstomo: Violão, Cavaquinho, Zabumba, ganzá, caixote / Josemberto: triângulo e zabumba / Vozes: Carlinhos, Nonato, Castro Segundo, Daniel Ruosso, Alexandre / Henriette, Margarida e Lourdes)

Ó senhor dono da casa (bis)

Licença quero pedir

Que nós queremos dirristir (bis)

Nós queremos dirristir

E ô vevê tem manibóia

Aninha vaguretê

Aninha vaguretê...

Ô veraniquotía, e o verá tem

boriana

Prêprêprê tem boinguê (bis)

Ô veraniquotía e o tem boriana

Prêprêprê tem boinguê

O prêprêprê tem boinguê

Saia muçara ô manguê

Prêprêprê tem boinguê

Ô veraniquotía e o verá tem boriana

Prêprêprê tem boinguê

Prêprêprê tem boinguê

Água de manin (bis)

Ô manima cerecê

Ô djágua de manin (bis)

Ô manima cerecê

Ô vidju, ô vidju qui Pará

Ô vidju, ô vidju Qui Pará, ei Paraná

Vidju, ô vidju Qui Para

Ô vidju, ô vidju qui Pará

Monteguape, monteguape (bis)

Ô guarocê, maroriquê (bis)

Ô guadjariquê, ô guadjariquê

Caninã, caninã imboinguê (bis)

Ora sua quatriana imboinguê (bis)

Gurai purai étê

Vossa manguirá, ô pendê

Ô gurari, ô gurari étê

Vossa manguirá, ô penguê (bis)

Brandim, brandim poti (bis)	Navura, navura vai inchê (3x)
Tá sirinpintim tá, sirinpintim tá	Ai di pinima, niverana
sirinpintim tá	De verana in boinguê
Brandim, brandim poti (bis)	Navura, navura vai inchê (3x)
Irapui nerem nerembui	Água de manima (bis)
Nerem nembui taquarati	Manima é cerecê
Irapui nerem nembui	Ô jaimivê, ô jaimivê
Nerem nembui taquarati (bis)	Água de manima (bis)
Virará vidju ataminha guretê (bis)	Manima é cerecê
Ô virará, ô virará	
Ô virará vidju, contê virá	
Virará vidju contê virá	

Para finalizar essa abordagem sobre a dança ritual do Torém sugiro que vocês acessem os textos, trabalhos, vídeos sugeridos nos documentos abaixo para poder entender melhor sobre a questão indígena e assim, poder incluir, em seu processo criativo junto às crianças e jovens, toda a força que o Torém possui, muito além do que aquela velha abordagem sobre o “dia do índio” na qual as crianças falam de um índio que não existe ou que nunca existiu, pelo menos não aqui, nem no Brasil, pois tenho tido acesso a livros pedagógicos com imagens de bonequinhos indígenas se reportando aos Apaches, comanches, enfim, índios norte-americanos.

É importante que possamos utilizar o Torém, primeiro para nos envolver com estes povos **Tremembé, Anacé, Gavião, Jenipapo-Ranindé, Kalabaça, Ranindé, Kariri, Pitaguary, Potiguara, Tapeba, Tabajara, Tapuia-Kariri, Tremembé, Tubiba-Tapuia e Tupinambá**, cearenses do nosso lugar, com sua cosmovisão atual, que junta passado e presente no universo do patrimônio cultural que possuem, que encontram em si, que revivem e vivem e que, para tudo isso, o direito à sua terra é a razão primeira.

1



1. OS TREMEMBÉ DE ALMA FALAM

www.youtube.com/watch?v=CumP4u2efgY

Este vídeo é parte integrante do Diagnóstico Ambiental e da Qualidade de vida dos Tremembé de Almofala. História, cultura, modo de viver, organização e relação com a natureza são aqui retratados através das falas e imagens desse povo.

2



2. TAPUYAS DO SIARÁ - MEMÓRIAS DA MARCHA TREMEMBÉ

www.youtube.com/watch?v=3R5muxuLkuw

Diretamente da aldeia de Almofala, teremos um momento ao vivo de uma roda conversa em que os Tremembé compartilharão a memória coletiva da Marcha pela Independência do Povo Tremembé, celebrada dia 7 de setembro. Na conversa, também poderemos assistir o Torém, ritual sagrado e ancestral considerado um símbolo de resistência dos povos indígenas. O bate-papo será mediado pelo pesquisador Philipe Bandeira, com o apoio do Conselho Indígena Tremembé de Almofala (CITA), em parceria com o Museu da Cultura Cearense. Realizada anualmente desde 2005, no Dia da Independência do Brasil, a Marcha pela Independência do povo Tremembé deste ano foi cancelada em respeito ao distanciamento social para controle do novo coronavírus. Homenageando a Marcha e difundindo a cultura ancestral do agrupamento indígena, o fotógrafo, documentarista e antropólogo indigenista Phillipe Bandeira conduz a conversa sobre as memórias da marcha Tremembé, que contará com a participação do Cacique João Venâncio, Pajé Luís Caboclo, Getúlio Tremembé e da Dijé Tremembé. O bate-papo será seguido de apresentação do Grupo de Torém de Almofala.

3



3. ESPELHO NATIVO

www.youtube.com/watch?v=dk5HTTke8IY

Uma experiência de sentidos com os índios Tremembé. Em Almofala, litoral norte do Ceará, os Tremembé lutam para afirmar sua contemporaneidade e assegurar os direitos reservados aos povos indígenas no Brasil. Por muitos anos, tiveram que se esconder para sobreviver à violência, ao extermínio e à invasão de suas terras tradicionais. Hoje, ao contrário, precisam mostrar quem são e reafirmar sua cultura. Mas quem são esses índios, como manter uma cultura com o intenso contato com os brancos, que imagem se espera desses índios? Entre lutas e encantamentos, um espelho se abre e, para além do mero reflexo das imagens, projeta luz e reflexão.

4



4. O CONHECIMENTO ETNOGRÁFICO DOS TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ, CEARÁ

doi.org/10.20435/inter.v19i1.1623

5



5. UM ESTUDO SOBRE A BEBIDA INDÍGENA MOCORORÓ: ACEITAÇÃO POR NÃO INDÍGENAS E CULTURA ALIMENTAR DO POVO KANINDÉ DE ARATUBA

doi.org/10.34117/bjdu6n5-592

6



6. LISTA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ

pib.socioambiental.org/pt/Categoria:Povos_indigenas_no_Ceara

7. HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ

adelco.org.br/outros_documentos/historia-dos-povos-indigenas-no-ceara

7



8. MARCO REFERENCIAL DOS POVOS INDÍGENAS DO ESTADO DO CEARÁ

www2.ipece.ce.gov.br/SWAP/swapii/salvuardas/marco_logico_indigenas.pdf

8



9. ÍNDIOS E TERRAS: PANORAMA DA QUESTÃO INDÍGENA NO CEARÁ

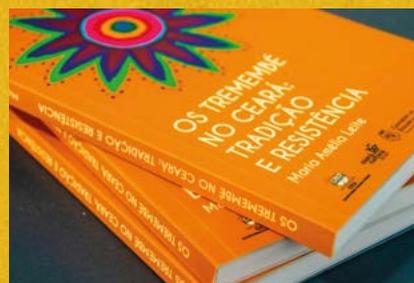
dx.doi.org/10.5380/geografar.v11i1.48984

9



10. OS TREMEMBÉ NO CEARÁ: TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA

Esse livro da Maria Amélia fala sobre o processo de luta do povo Tremembé. Vendido pela Secretaria da ADUFC (de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 14h às 17h)



“ **Quem deu esse nó não soube dar (Bis)**
Esse nó tá dado eu desato já (Bis)
Oi desenrola essa corrente
deixa os índios trabalhar! (Bis) ”

(Trecho de canto coletivo das comunidades indígenas cearenses)



REFERÊNCIAS

AMORIM, Ninno. **Os cocos no Ceará**: dança, música e poesia oral em Balbino e Iguape. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Duas ou três coisas sobre folclore e cultura popular. *In*: **Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 28-33.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Entendendo o folclore**. Texto de divulgação feito para o Museu de Folclore Édison Carneiro/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: http://www.lauracavalcanti.com.br/publicacoes.asp?codigo_area=1#

CARVALHO, Gilmar. **Mestres da Cultura Tradicional Popular do Ceará**. Fortaleza: Secult/CE, 2006.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, 3ª edição. RJ; Edições de Ouro – Tecnoprint gráfica S. A. 1972. 930p. pp. 232-233.

CASCUDO, Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3ª. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CASTRO, Zaide Maciel de. **Danças do Norte e do Sul**. Rio de Janeiro: Organização Técnica de Educação Física Ltda. 1960. p. 49

COLARES, Elzenir. **Manifestações do Folclore Cearense**. Fortaleza: Gráfica Secretaria de Indústria e Comércio. 1978. Pp. 23 a 25

CORTES, Paixão e LESSA Barbosa. **Manual de Danças Gaúchas**. 3ª edição. São Paulo: Irmãos Vitale Editores – 1967 – p. 19.

FRADE, Cássia. **Guia de Folclore Fluminense**. RJ: Presença Edições. 1985. p. 49.

FARIAS, C. M.. **Antes de dançar o Coco era como estar no mundo, mas não existir?**: experiências dançantes de mulheres em contextos de políticas públicas culturais no Cariri Cearense. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, p. 1-9, 2019.

FARIAS, C. M.. **Brincando de dançar, dançando para brincar**: ludicidade, improviso e ritual na dança do coco da comunidade de balbino - ce (1940 - 1980). História e Culturas, v. 2, p. 40-63, 2014.

FARIAS, C. M.. **Memórias dançantes**: a (re)invenção de uma tradição por grupos de coco de mulheres no Cariri ? CE. RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 22, p. 51-59, 2014.

FARIAS, C. M.. **A 'invenção' de uma comunidade:** narrativas de resistências e tradição oral em balbino - ce. Embornal: revista eletrônica da ANPUH-CE, v. III, p. 1-15, 2013.

FARIAS, C. M.. **A coreografia da luta:** a dança como elemento de identificação e de afirmação cultural da Comunidade de Balbino - CE. Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança - UFBA, v. 2, p. 45-57, 2013.

GALLET, Luciano. **Estudos de Folclore.** RJ: Carlos Webrs & Cia – 1934. Pp. 61 a 72.

GIFFONII, Maria Amália Correa. **Danças Folclóricas Brasileiras.** 2ª edição. São Paulo: Editora Melhoramentos – 1964. pp. 89 a 103.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Saberes-fazer em danças populares /** Thiago Silva de Amorim Jesus; Marco Aurélio da Cruz Souza, Ana Macara organizadores. – Salvador /; ANDA, 2020. – 491 : il. – (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 8).

MACENA FILHA. **Stagnation y dificultades del fandango del Mucuripe** – enseñanza possible. Comunicação oral no X Congresso Argentino de Antropologia Social –. Facultad de Filosofia e Artes – UBA, 2011. Disponível em: <http://www.xcaas.org.ar/> Acesso em 27 de julho de 2013.

MACENA FILHA, M. L.. Projeto Miraira - prática cultural para a diversidade numa estratégia de educação não formal. In: **VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação**, 2008, Barbalha. vitrais da memória: “Vitrais da Memória: Lugares, Imagens e Práticas Culturais”. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 1013-1021.

MACENA FILHA, M. Lourdes. Cultura e Patrimônio. In: **Revista Aspectos** – Conselho de Cultura do Ceará. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2008.

MACENA FILHA, M. Lourdes. **O Potencial turístico das festas populares de Fortaleza.** Fortaleza, 2002. 214f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Universidade Estadual do Ceará.

NOVO, José da Silva. **Almofala dos Tremembé.** Itapipoca: sem edição. 1976.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. A dança do Torém dos Tremembé de Itarema-CE. In: **Encontro de pesquisa e pós-graduação em humanidades**, 2. 2011, Fortaleza. Semana de humanidades, humanidades: entre fixos e fluxos, 8., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p.1-12.

PEREIRA, A. S. M. e Gomes, D. P. **Dança encantada e de resistência:** (trans) significações corporais no torém dos índios tremembé. Arliene Stephanie Menezes Pereira Daniel Pinto Gomes Corpoconsciência, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 120-129, jan./abr., 2018.

PINTO, Aloísio Alencar. **Documentário sonoro do Folclore Brasileiro nº37.** contra-capa do disco.

RIBEIRO, Joaquim. **O Folclore de Açúcar.** Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977. 227 p.

ROCHA, J. M. Tenório. **Folguedos e danças de Alagoas.** Maceió: Secretaria de Educação e Cultura, Comissão Alagoana de Folclore, 1984.

SILVA, Rildelene dos Santos; LIMA, Anna Erika Ferreira; MORAIS, Ana Cristina da Silva. **Um estudo sobre a bebida indígena mocoororó:** Aceitação por não indígenas e cultura alimentar do Povo Kanindé de Aratuba. January 2020 Brazilian Journal of Development 6(5):31985-32005 DOI: 10.34117/bjdv6n5-592. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 5, p.31985-32005, may. 2020.

SERAINÉ, Florival. **Folclore Brasileiro** – Ceará. RJ: MEC – FUNARTE. 1978. p. 28.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena. Danças Populares Tradicionais em abordagens estéticas, memória e tensões políticas. In: **Saberes e Fazer em Danças populares.** v.8. Salvador/ANDA, 2020, 491p. 74 – 87.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena de. **Sendo como se fosse** – as danças dramáticas na ação docente do ator professor. Belo Horizonte, 2014. 295f. Tese (Doutorado em Artes) EBA. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-9GFH-GX>

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática e social aprendizagem sistemas:** a carreira do conceito. 2003. Disponível em <https://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>. Acesso em: 27 de dez. 2018.

APOIO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

LEI
**ALDIR
BLANC**
DE EMERGÊNCIA CULTURAL
CEARÁ



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

REALIZAÇÃO:

